

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA*

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogratura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

TERCEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1906

NUMERO 114



O CZAR E A CZARINA DA RUSSIA VESTIDOS DE BOYARDOS

A revolução da Rússia collocou o czar na triste colligação de ser quasi um prisioneiro no seu imperio, de vir rodeado de tropas e de servidores mais ou menos fieis no Palacio d'Inverno ou em Peterhof, o que é um signal da queda d'esses boyardos que, apesar de Ivan o Terrivel e Pedro o Grande lhes tirarem todo o poder, ainda hoje teem os seus trajos especiaes e os seus loga-

res, embora já sem as velhas prerogativas, isto a ponto do czar e da czarina se revestirem varias vezes dos velhos fates bordados, com attributos magnificents e expressivos, como a honrar aquelles que outr'ora tudo podiam.

Antigamente o boyardo, o senhor, não reconhecia como superior senão os grãos-duques e o czar e de tal

maneira eram considerados estes membros da nobreza que todos os *ukases* imperiaes começavam assim: O czar o ordenou e os boyardos o approvaram. Os imperadores deram-lhes golpes, todos ciosos da sua supremacia, agora o povo busca anniquillar os proprios soberanos no desejo de se emancipar por sua vez.

Chronica

Boas entradas

Deus queira que os nossos leitores tivessem particularmente melhores entradas d'anno do que a nação. Realmente o anno para o paiz entrou mal. Chuvoso e com recomposição ministerial. A chuva traz uma praga de constipações, de gripes, d'entcatarroamentos, mas faz crescer as hortaliças; os remendos no ministerio trazem o prolongamento da situação progressista e fazem crescer o numero já fabuloso dos conselheiros.

Os conselheiros, uma porção de funcionarios velhos, com algum rheumatismo e alguns serviços de secretaria, sujeitos circumspectos, quasi todos calvos e excellentes pessoas, jámais são chamados a desempenhar o que o seu cargo parece indicar: dar conselhos. Fazem tudo menos isso desde que, com a senhora D. Maria II, se demonstrou que o titulo era apenas honorifico.

Tratava-se de certa nomeação a fazer: um ministro de Estado permittiu-se aconselhar a Rainha uma determinada pessoa e Sua Magestade, com aquelle modo brusco que era bem portuguez e ficava bem ao seu aspecto de mulher forte, disse-lhe: Conselheiro, o seu titulo não deve corresponder ás funcções que tomou agora. O senhor é conselheiro para ouvir conselhos.

O homem, embaçado, sorriu e comprehendeu que o seu papel no ministerio era o d'um individuo que fazia um recado singular: o de ouvir e calar.



O NOVO MERCADO D'ALCANTARA—Um'aspecto—Um talho

De resto não se tem evolucionado muito n'esse genero de ministros. Ao que dizem os jornaes politicos, o sr. José Luciano acambarcou sempre n'este seu consulado varias pastas e entre ellas a da fazenda, ficando o respectivo ministro na posição d'aquelle que, no tempo do nosso avô, a Rainha definira.

Foi talvez por isso que nenhum politico experimentado, que nenhum dos ministros quiz aceitar, na recomposição, essa pasta tão difficil no actual momento, que é necessario um homem da força do sr. José Luciano—força tão apregonda pelos progressistas—para a aguentar, dispensando o titular da pasta que a aceitou ingenua e bem titularmente. Mas, apesar de toda essa força enorme e garantida, o sr. José Luciano foi-se abaixo, como aconteceu no dia do conselho d'Estado.

Querendo cumprimentar um adversario politico, s. ex.* cahiu no chão forrado de Obisson da sala Imperio, e caridosamente a gente do paço, os dignitarios de serviço, o ergueram, lhe fizeram tomar na cadeira a sua posição de homem forte, e o ministro, mercê da sua grande robustez de convicções e do resto, sentiu prolongada por mais um mez a sua situação de governante, como um homem que, nadando contra uma corrente rija, vê ao longe um cachopo cheio de limos e de bábagem do mar, onde espera ou que o salvem ou que a onda o engula, o liquide.

Essa liquidação do sr. José Luciano seria uma coisa que realmente nos faria falta, que viria in-



O NOVO MERCADO D'ALCANTARA—A fachada principal



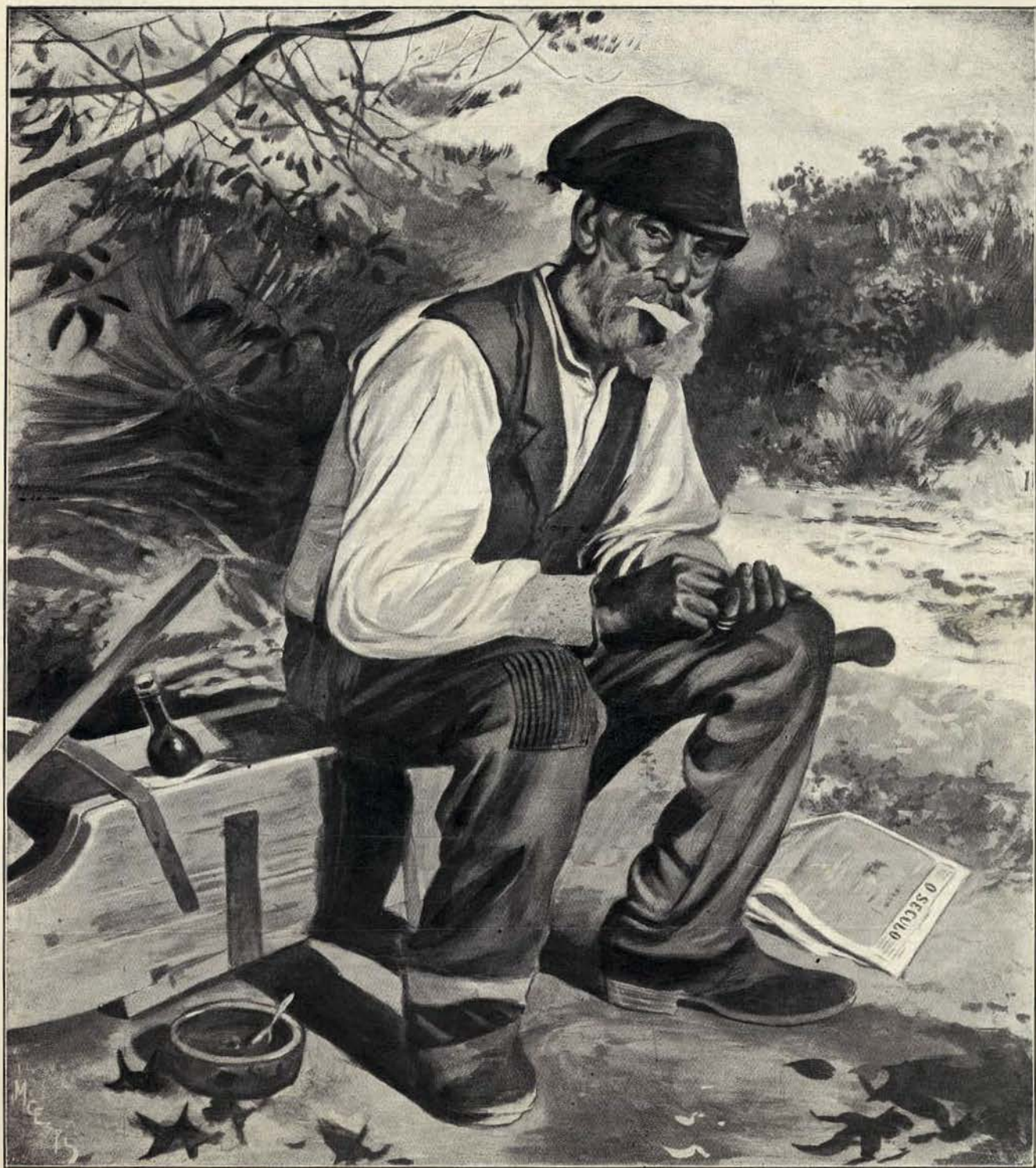
fluir bastante na vida portugueza, mudar os nossos habitos, transformar até a nossa fundamental organização, como a queda de Pombal e o desaparecimento de Richelieu e de Colbert fizeram Portugal mergulhar-se nas trevas d'onde saíra e a França deixar de seguir, de ser suprema.

Se amanhã não existisse na politica portugueza o actual presidente do conselho, o portuguez não poderia rir. E calar o riso a um alegre e roubar-lhe o motivo da gargalhada é a morte. Andariamos todos cabisbaixos; nos campos deixaria de se cantar, o grão germinaria sem a melopéa do sementeiro, no commercio seriam todos casmurros; na industria graves, no exercito ferozes, na politica endiabrados. O riso apagava-se e a nacionalidade carregava-se de bilis, o que junto com a falta do necessario que já se nota, seria o começo do fim, ao que patrioticamente nos devemos oppôr, como na velha Grecia se oppunham os justos a que se apedrejassem os illotas que nas esquinas faziam esgares e geravam o riso, fonte da saude, o riso tão desopilante, tão sonoro e tão util que até ás vezes abala velhas instituições.

ROCHA MARTINS.



O NOVO MERCADO D'ALCANTARA—A fachada do lado norte



TYPOS DE LISBOA: Um jardineiro dos jardins publicos



A leitura da ordem do dia

A educação do Kronprinz.

Uma revista inglesa, *National Review*, acaba de declarar que após a subida ao poder em Inglaterra do ministério liberal que aproximou esta nação da França, a Alemanha se mobilisa.

Desde ha muito, desde 1870, que como um jogador experimentado que deseja manter-se sempre superior em todas as partidas que ella busca impôr-se ao mundo e como n'um novo reinado de Frederico o Grande, o seu soberano abrange todas as manifestações da vida germanica.

Educado na Universidade de Bonn mais como um particular de que como príncipe, o actual imperador perdeu ante o exercito todas as suas qualidades de homem superior, fazendo-se um Cezar - isto pela idéa do militarismo - ao qual as tinturas das sciencias e das artes, alliadas a uma intelligencia viva embora por vezes turbada atavicamente, deram essas anciedades de tomar tudo ao mesmo tempo, de ser pintor e o dramaturgo, o poeta e o musico, o escultor e o orador, o militar e o philosopho.



O imperador com os generaes Moltke e Graf Moltke

Já ao herdeiro ao throno allemão não succederá o mesmo.

Tem sido mais ligado ao exercito ainda: tem tomado parte em todas as manobras, seguido a vida do regimento, servido como official equal aos outros, isto pela vontade soberana assim exercida do pae que o junte ás correias só com a idéa dominante da disciplina. E tanto o faz ser um verdadeiro militar allemão que já o tem castigado mais como chefe supremo do exercito de que como pae e como imperador deante de pequenas faltas commettidas, isto a fim de dar um grande exemplo.

E' talvez um erro essa educação que vai do exercicio á caserna, do bivaque ao club dos officiaes, do volteio a cavallo nos picadeiros ao jogo do sabre na sala d'armas, isto entre amigos da maior nobreza que esperam fazer da Alemanha a nação maxima pela força, pela conquista n'uma epoca de luz.

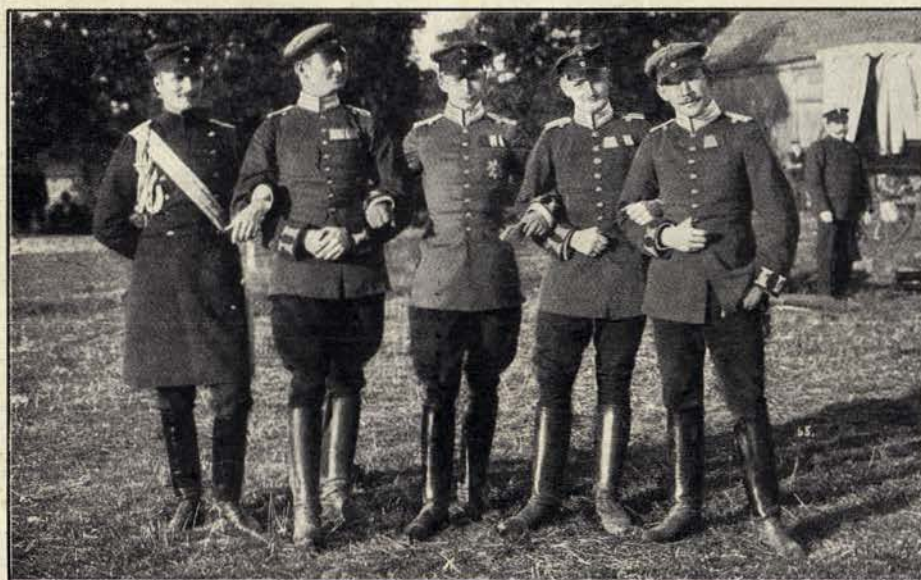
De taes rigores ou sae um militar verdadeiro, vendo no exercito a supremacia, pois a sua educação é assim tão militarmente marcada, ou virá a ser um producto deslocado na sociedade futura que a Alemanha prepara desde que as idéas novas enchem o paiz d'um lado ao outro e façam do cezarismo uma recordação, uma especie de pezedello que a industria, a arte e o commercio se encarregarão de collocar a grande distancia.



A companhia do Kronprinz em atiradores



O Kronprinz nas manobras



O Kronprinz com os seus amigos no bivaque



O Kronprinz com os seus amigos no bivaque



A imperatriz e seus filhos os príncipes Guilherme Eitel e Frederico nas manobras

O Marquez de Pombal

(A proposito da sua estatua)

A quinta d'Oeiras

Esse palacio do marquez de Pombal em Oeiras, com as suas quintas e com as suas obras d'arte, deixa-nos essa impressão que todos os edificios onde se passaram factos historicos nos dão e que é como uma atavica saudade d'um tempo que passou e de cujas legendas, de

mamente, descansando em pouco d'essa brutal tarefa de domar uma nobreza rebelde, uma seita religiosa audaciosa, de corrigir uns maus habitos, de transmudar uma nação, devia ter essa ternura de a que historia não fala porque só o viu em grande atreviz dos seus feitos.

São duas as quintas, estão proximas da villa de Oeiras em direitura a Carcavellos. A estrada real separa-as e o palacio está na que fica para o lado do Tejo.

Foram os irmãos de Pombal, Francisco Xavier e Paulo de Carvalho, que fundaram o palacio e as quintas, applicando a essas obras os rendimentos dos seus patri-

Além da quinta havia em volta grandes terrenos de someadura e vinhedos que chegaram a produzir quatrocentas pipas de precioso vinho de Carcavellos em cada anno.

Foi o architecto húngaro Carlos Mardel, que chegára a Lisboa no anno de 1733, quem fez a planta da magifica edificação. Este homem era o architecto official; fez o aqueducto das aguas livres, a casa das obras, o almoxarifado do sal em Setubal e varias construcções que tem renome.

Mas entre todos os seus trabalhos, o d'esse palacio



Fonte dos poetas

cujos successos, de cujas tragedias, alimentamos a imaginação quando nós encontramos n'esses logares que os homens da nossa admiração habitaram.

Não é necessario falar do marquez de Pombal, dizer o que elle foi, o que elle fez. Todos o sabem, todos lhe admiram a memoria. Elle foi um gigante de que não se conhecem termaras.

No entanto, n'aquella quinta d'Oeiras, n'aquelle palacio magifico, o homem de Estado, vivendo mais inti-

monios e os grandes vencimentos que recebiam pelos seus cargos.

Francisco Xavier de Mendonça era secretario de Estado; Paulo de Carvalho occupava o mesmo logar que seu irmão e era tambem prior da Collegiada de N. S. d'Oliveira de Guimarães e morreu sendo cardinal.

Os rendimentos e os beneficios dos logares sommam a quantia, para esse tempo enorme, de 22:360:000 réis annuaes.

destaca-se vigorosamente, talvez porque, desejando mostrar todo o seu talento ao grande homem, talvez porque, dispondo de largas sommas, se esmerasse podendo dar corpo á sua phantasia artistica. As decorações exteriores do edificio, sobretudo as das fachadas que deitam para os jardins, são surprehendentes com as suas estatuas de marmore que olham esses terreiros plantados no gosto antigo.

Joaquim Machado de Castro, o illustre estatuário do



Fonte no jardim feita de madeira do Brazil sem um unico prego



O tinteiro e a escrevaninha do primeiro marquez de Pombal onde D. José assignou alguns decretos



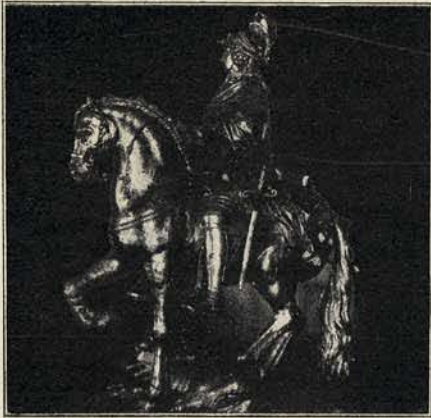
A capella



Um aspecto da fachada do palácio do lado do jardim



Fonte das quatro estações no jardim



O primeiro modelo em obra da estatua de D. José tempo, deixou na propriedade do marquez o traço do seu talento, não só no modelo em cera do retrato de D.

José I, mas ainda nos bustos colossaes de marmere de Carrara dos quatro grandes poetas que o homem d'Estado durante o seu exilio voluntario em Soure, para se limpar das trunescas arnuças da mocidade, lera e admirára com toda a força de que era capaz o seu prodigioso talento. Por isso lá estão, cinzelados por um grande artista, esses quatro príncipes da poesia e do infornio: Homero, Virgilio, Camões e Tasso. Tambem o estatuario desenhou as duas figuras de Alphen e Arethusa que João Elveni, discípulo d'aquelle Alexandre Giusti, que fez o busto de D. João V, esculpiu com Francisco Leal Garcia, seu companheiro.

N'um tempo em que a arte entre nós não progredia, em que a nobreza habitava casarões com seus geitos de conventos d'egual padrão: as janellas gradoadas, as paredes pintadas de cores tristes, o marquez — não fosse elle tão grande! — fez do seu palácio uma obra d'arte, completando o trabalho dos irmãos que a esse ninho onde a agnia iria descaçar quizeram dar toda a grandeza que aquelle seu talento merecia.

Mas n'esse mesmo palácio esteve o rei José, quando careceu de tomar os banhos do Estoril nos annos de 1775 e 1776, enquanto o marquez reconstituía a politica e organisava tudo. Jámais elle deixava de pensar no engrandecimento da nação e a prova é que até nas festas que offercia ao seu soberano punha um alto pensamento patriótico e habil.

Oeiras tinha foras de villa desde 7 de junho de 1759, isto é, desde o dia seguinte da nomeação de Sebastião José de Carvalho e Mello para ministro. E passados dezeses annos, elle, n'aquelle mesma villa onde o seu soberano se encontrava, mostrava-lhe a sna obra com o ar



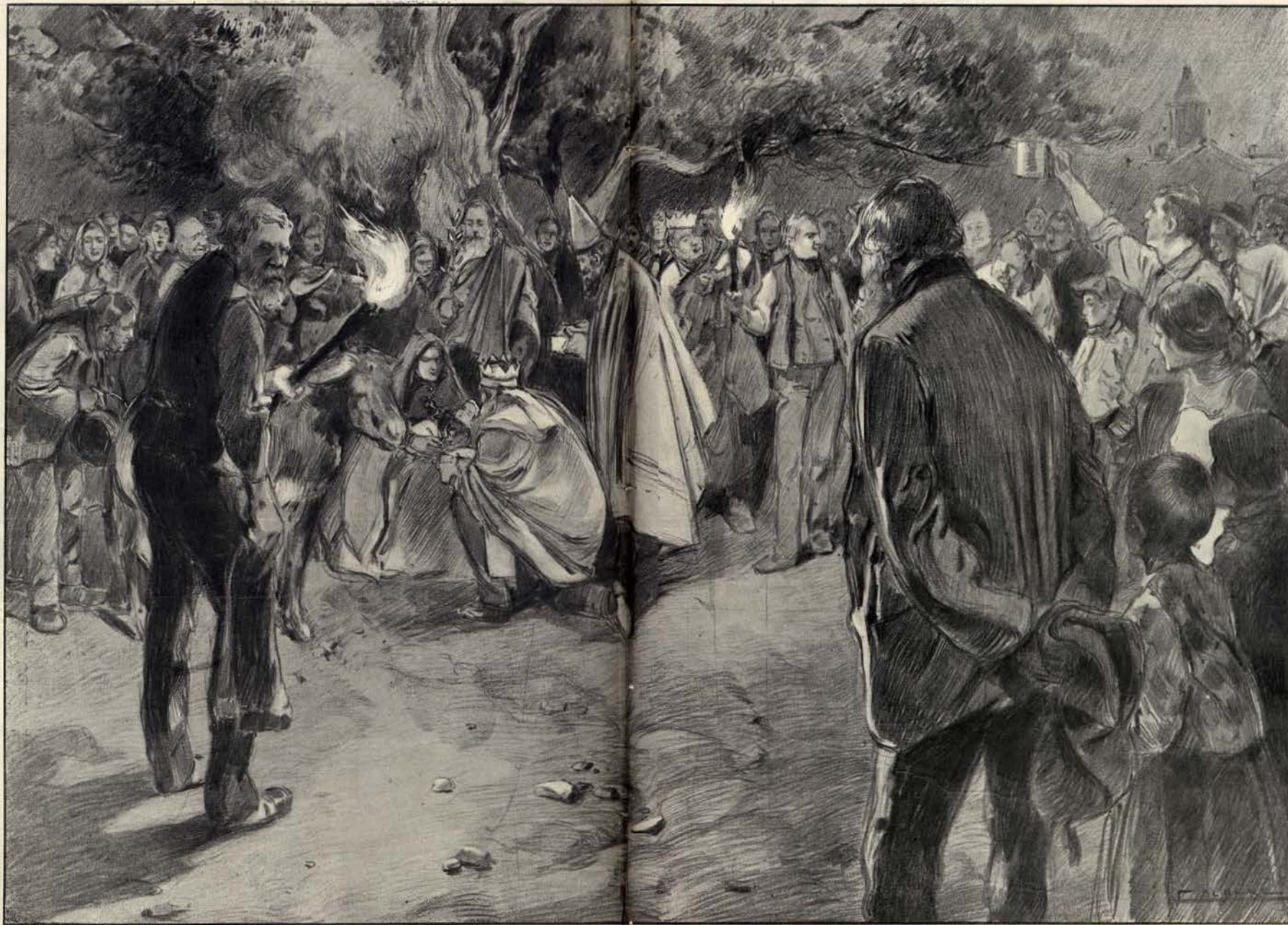
Um lampeão que servia na escadaria em dias de grande festa, despreocupado de quem offerece uma galanteria, um mimo, honrando o hospede regio.



A casa da guarda onde estavam os soldados quando D. José residiu no palácio



Fachada do palácio do lado do pátio



Os Reis de Melaço são aqui por essas aldeias uns pobres de Christo que desde o Natal aos Reis andam de porta em porta pedindo, a pão por Deus e ainda aquelas que fazem os seus anjos e uma misturada linguagem e com

nas praças das villas da provincia. A's vezes são grandes tiradas feitas em varios coxos que elles impingem a' um circulo de povolos, uns vestidos d'uma extravagante maneira, outros com fragmentos anachronicos de vestes, outras elevam torres lafahadas ás portadas

na esperança d'um abulo e assim, por estarem no Algarve, correndo de porta em porta, com as almas abertas e as vozes sonas, vão cantando:
O meu menino Jesus
A sua capella cheira

COSTUMES POPULARES—Os reis de melaço

Cheira a cravos e a rosas
E á flor da laranjeira.

E depois na mesma toada, na mesma melodia, lá saltam mais quadras, sempre do sabor simples que em to-

do o caso muitas poucas, que por simples passam, vão muitas vezes buscar a sua volta rade dos trovadores ignorantes.

O meu menino Jesus
Do jardim do marmelleira

Tac-nos uma sententia
Para a nossa consuada.

E os reis de melaço, a' uma lanchada, unhem se aco-ax, divertem e poro e festejam essa época toda de festa e de cordão.



A peça -O segredo da avó-



A FESTA DAS CRIANÇAS NO ASYLO D'AJUDA

A peça -O Natal no Minho-

As alunas do Asylo d'Ajuda representaram na vespera do fim do anno umas pequeninas comedias no seu theatrinho sendo muito applaudidas. As comedias eram trechos ingenhos como não podiam deixar de ser tornan-

do-se notaveis nas peças *O segredo da avó*, *o Natal no Minho* e n'um monologo *Pobres catinhos* as meninas Anna de Jesus, Adelaide Ribeiro, Numida de Vasconcellos, Angela Alves e Clotilde Mendes. No fim do es-

pectaculo cantou-se o hymno dos orphãos, sendo a parte musical executada pela sr.^a D. Cecilia Cottinelli Telmo. O sr. Costa Pinto, director do asylo, é digno de todos os elogios pelo prazer que deu ás criancinhas.



A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA A MORDAÇA NO THEATRO DO PRINCEPE REAL

D. João da Camara, o sentimental dramaturgo, fez agora uma cuidada traducção d'uma peça de D'Annunzio que foi extrahida pelo auctor d'um seu romance que o *Século* publicou sob o titulo *Lágrimas de mãe*. A

peça chama-se a *Mordaça*, o enredo é o seguinte: Uma bonita senhora viuva é perseguida por um individuo que deseja casar com ella e que para isso põe em pratica todos os meios. Um irmão da viuva é accusado de

ter feito um roubo cujo verdadeiro auctor é o que a persegue por todos os modos e que acaba por ser descoberto ao fim d'um grande numero de peripetias que fazem agradar esta peça do genero popular e onde bri-

lham, com Luciano e Lucinda do Carmo, Araujo Pereira Simões Coelho e Leonor Faria, uma nova actriz que hade fazer carreira.

Luciano de Castro
Conde de Bevil

Araujo Pereira
Tavernay

Simões Coelho
Ragunardo

Leonor Faria
Isabel

Alda Soares
Germana

Amelia Pereira
Riqueta
Setta da Silva
Anatolio

Frederico Lago
Christiano
Lucinda do Carmo
Paulina de Bevil



A visita de SS. AA. o principe Luiz Filippe e infante D. Manuel á sr.ª condessa de Paris, sua avó e a princeza Luiza de França, sua tia, no palacio de Villamanrique em Hespanha

Sr.ª condessa de Paris—Infante D. Manuel—Princesa Luiza de França—Uma vista do parque de Villamanrique—Principe D. Luiz Filippe—Outro aspecto do parque de Villamanrique—Pateo de Villamanrique—Entrada de Villamanrique—Lado do jardim e tanque em Villamanrique

Os principes de Portugal foram visitar sua avó e sua tia a sr.ª condessa de Paris e princeza Luiza de França no seu palacio de Villamanrique, em Sevilha, no qual estas augustas senhoras residem. É uma visita de boas festas que SS. AA. fazem, devendo demorar-se algum tempo na artística morada, para onde partiram em 3 de janeiro. O palacio de Villamanrique é habitado desde ha muito tempo pela sr.ª condessa de Paris e por sua filha a princeza Luiza de França; os outros filhos da sr.ª condessa de Paris são S. M. a rainha senhora D. Amelia, a princeza Helena, duquesa d'Áosta, que vive

em Italia, a princeza Izabel, duquesa de Guise, que vive em França, o duque de Orleans, que está em Inglaterra, o duque de Montpensier, que anda a bordo dos navios da marinha hespanhola a dedicar-se á tarefa do mar. De fórma que só a sr.ª condessa e a princeza Luiza residem n'esse palacio que pertencem ao duque de Montpensier e no qual o conde de Paris fez melhoramentos. No jardim existe a palmeira mais alta da Europa.

A propriedade é enorme e n'ella se criam touros de corridas. Na fronteira da propriedade fica a capellinha

de Nuestra Señora del Rocío. No palacio ha uma galeria cujos muros são decorados com magníficos retratos da familia; ali estão os da rainha Maria Amelia, Luiz Filippe, duque e duquesa d'Orleans, etc., e existe ali um gabinete onde a sr.ª condessa de Paris guarda as reliquias de seu esposo, como o seu escapulário, as medalhas sagradas que trazia ao pescoço quando morreu, os seus livros e um bocadinho da bandeira do *Victoria*, navio que o conduziu ao exilio e do que elle quiz guardar uma recordação.



A DISTRIBUIÇÃO DO PREMIO D. MARIA PIA AOS OPERARIOS DO ARSENAL DE MARINHA EM 30 DE DEZEMBRO

O premio D. Maria Pia foi instituido como um estímullo á applicação e ao comportamento dos operarios do Arsenal de Marinha e do Exercito e tem servido realmente para galardoar aquelles que ao cabo de um anno de aturado trabalho maiores provas apresentam. No dia ultimo do anno ou no penultimo, quando o final

do anno calha ao domingo, na sala do risco do Arsenal, na presença do inspector do estabelecimento, engenheiros e mais pessoal superior faz-se a distribuição. Toca mais cedo a campo; os operarios saem das officinas, a vasta sala enche-se e no meio do silencio que precede a cerimonia ha como uma grande commoção. O inspector

do Arsenal chama os premiados, elles vão até a mesa, recebem o seu premio e assim podem passar umas featas mais felizes, esquecendo as agruras do trabalho e compensados da sua tarefa e dos seus dissabores. Este anno, como nos demais os premios foram de 70\$000 e 37\$000 réis e distribuidos segundo a categoria das officinas.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLI-BRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES



O ATAQUE DOS LAMAS

Como, porém, regressar á fortaleza? Sem duvida, bastaria tornar para o palacio, e dar-se a conhecer aos guardas, para ficar de novo sob a sua guarda. Voltar a ser prisioneiro de Timour era relativamente facil. Mas, por outro lado, Bottermans corria grande risco de não se juntar aos seus amigos. Seria preciso explicar a sua evasão e a volta, o traje de lama, que trazia, e de certo iria parar a uma enxovia, onde aguardaria as ordens de Timour.

Ao passo que meditava cheio de angustia, buscava orientar-se para a banda da esplanada, mas transviava-se pelas ruas que desciam para a cidade velha, cruzando transeuntes retardatarios, passando por cima do dormientes, e por baixo das luzes dos cafés e lojas publicas.

De subito, o ruído de uma fonte ao canto de uma viella distraiu um instante o seu pensamento.

— Uma fonte!... Agua!...

E correu para ella, e mergulhou os labios e a fronte na frescura do jacto de agua.

Bebeu por muito tempo, lentamente, e sentia-se reviver.

Não podia separar-se d'essa agua benéfica, que lhe abrandava a febre, quando um ruido de passos soou na ruella ao mesmo tempo que um som de vozes inesperadas o encheram de assombro... Falavam francez, e elle julgava reconhecer um timbre já ouvido.

Dois homens desembocaram da viella na rua deserta, deante da fonte. O infeliz ia quasi desfallecendo a olhar para elles.

Um dos homens rogou-lhe:

— Olha, mais um d'esses patifes d'esses lamas, e chacher a pipa!

Mas o lama estendia as mãos, e com a voz ostrangulada:

— Paulino... anda cá!

Ao ouvir esse frouxo grito, os dois homens precipitaram-se sobre o falso lama.

Paulino, porque era o marinheiro, em companhia do fel Ivan, agarrou-se ao lama que o chamava pelo seu nome, e exclamou reconhecendo Bottermans:

— Sr. Bottermans! Ou os meus olhos me enganam!

— Que fazeis aqui? Onde está o commandante Mérande?

— Oh! meus amigos, que alegria a minha. Vós salvaeis-me.

Paulino continuava atordoado.

— Então já não sois prisioneiro? Evadistex vós?

— Ainda, hontem á noite o era, mas a noite passada deixei loucamente a cidadella.

— Só?

— Sim, só.

— Como? Porque?

— Eu vos contarei como isso foi: mas, vós mesmos, como vos achaeis aqui ambos, vivos e livres?

— Pertencemos á frota do imperador Timour, disse o bravo marinheiro.

— A' frota de Timour!

— Sim, senhor, a frota de Timour, a frota dos aerostatos.

— Aerostatos? Timour tem aerostatos?

— E muitas outras cousas. Mas nós cá estamos para vos salvar.

— Ah! comprehendo! Mas como salvar-nos, meus amigos? Estamos perdidos se esta noite...

— Esta noite, não, mas amanhã poderemos fugir todos.

— A'manhã, será já muito tarde; e esta noite, é n'um instante, é já mesmo que é preciso obrar, Paulino.

— Escuta! Saio da igreja russa, onde estava, encerrado, e onde assisti a uma conjuração formada pelos lamas fanaticos, que juraram a nossa perda. Decidiram atacar esta noite ainda a cidadella, e aproveitar a ausencia de Timour para nos trucidar e trucidar tambem Nadia.

Tremia-lhe a voz ao pronunciar esse nome, pois de mais tinha comprehendido os insultos que o lama havia prodigalizado a Nadia.

— Não apenas algumas horas para tentar prevenir os nossos amigos.

— N'esse caso, tudo muda, disse Paulino, tendes razão. Eu ia agora avisar o commandante de que não podiamos partir senão amanhã á noite... Visto isso — va-

mo nos safar esta noite, e aproveitaremos exactamente a confusão e a desordem do ataque da cidadella. Vamos, Ivan, não ha um momento a perder. São nove horas. Os aerostatos só partem á meia noite. Temos tempo.

— Mas como avistar Mérande?

— Não tenhaes cuidado. Já se esteve com elle. Não o sabieis? Vinde commoço. E' preciso que corramos aos aerostatos para preparar os que nos hão de levar.

No caminho Paulino explicou em algumas palavras a Bottermans como fora que elle tinha viato o commandante, e como estava tudo disposto para que a fuga se effectuasse no dia seguinte.

— Enquanto eu vou preparar dois aerostatos, trepareis pela escarpa com Ivan, chegareis á presença do commandante pelas casamatas, e apenas ouvirdes o barulho do ataque da cidadella fugireis todos pela escarpa.

— E Nadia?

— Ah! a sr.^a Nadia... Mas eu creio que ella virá tambem.

— Viste-a então?

— Se a vi? Vi-a, sim, senhor, com o commandante. A modos que estaeis um pouco atarantado esta noite, sr. Bottermans.

— Sim, sim, com effeito, estou com febre. O essencial é salvar-nos. Conversaremos j'elo caminho.

E palcstrando d'este modo, a meia voz, e caminhando

muito depressa, os tres homens haviam chegado junto da escarpa da cidadella.

N'esse momento os minutos tornaram-se preciosos, Bottermans, ignorando o que se passara sem elle o saber, comprehendia que a morte ou a libertação de Nadia, dos seus amigos, d'elle mesmo, estavam imminentes: o temor e a esperanza sobreexcitavam as suas forças e a sua imaginação.

Paulino desapareceu. Ivan e Bottermans chegaram em breve á base da elevação escarpada, que o grande vulto ameaçava da fortaleza dominava.

Ahi, Ivan apontou para o rochedo ao seu companheiro.

—E' preciso subir por ali, disse elle.

O rochedo era tallado a pique, mas numerosas anfractuosidades e saliencias simulavam uma escada perigosa, á que os dois homens se atreveram. Ivan sustentava Bottermans n'essa escalada vertiginosa. Por duas vezes, o mancebo teve que parar, por lhe faltar a respiração.

—Ah! é rude! disse Ivan, mas vamos nos aproximando.

Com effeito, depois de um ultimo esforço, acharam-se defronte de uma entrada gradeada.

—Cá estou finalmente, graças a ti, mas nunca poderei voltar lá para baixo, partirei sem mim; eu ficarei aqui.

—Oh! quanto a descer, temos uma escada de corda, e isso será muito mais facil.

—Não importa! retorquin o mancebo, fazendo um gesto de duvida, a minha fuga é só um pormenor; salvemos Mérande. Esta escalada pareceu-me durar um seculo, e devemos estar muito proximos do momento do ataque da cidadella...

Os dois homens penetraram na casamata.

Sem demora nenhuma, Ivan, trepando a uma grande caixa, alcançou a abobada, e bateu algumas pancadas, que formavam um signal convençãoado.

Mal tinha batido, sentiu um rugir de estofos arrastados. Eram tapetes que tiravam. Ivan estendeu os braços contra a pedra, que se levantou. No buraco, frouxamente illuminado, inclinou-se uma cabeça:

—E's tu, Paulino?

Bottermans reconheceu a voz de Van Korsteen.

—Não, sr. doutor, respondeu Ivan, Paulino está no aerostato. Venho procurar-vos; mas trago o sr. Bottermans. E' preciso partir já.

—Bottermans, estaes ahi?

—Sim, meu caro doutor, estou aqui, sou eu, tornou o mancebo subindo por sua vez para junto do Ivan.

—Ah! Deus seja louvado! desditoso amigo! nos já não viviamos! Eu cuidava que vos tinham trucidado.

Bottermans, seguro pelos fortes braços de Ivan, chegou ao alçapão, e puxado por Van Korsteen ficou n'um instante ao pé d'elle.

Em seguida o doutor, Herman e Mérande abraçaram-se affectuosamente.

—Mas d'onde sahistes vós? disse Mérande. Foi esta manhã que demos pelo vosso desaparecimento.

—Depois vos contarei tudo isso. Agora trata-se só do fugir.

Na noite passada, os lamas resolveram aproveitar a ausencia de Timour, que foi passar revista ao seu exercito, para atacar a cidadella e o palacio, e exterminar-nos a todos, incluindo Nadia.

—Uma sublevação?

—Um assalto sómente, mas terrivel. Elles dispõem de muitas centenas de fanaticos, muitos milhares talvez, e é para já, não tarda ahi um momento que elles se lancem todos ao mesmo tempo pela esplanada ao assalto.

—Mas como é que tal sabois?

—Que importa! Sei-o. Nada resistirá, creio-o firmemente ao impeto d'esses endemoninhados, Paulino, que o comprehendeu como eu, prepara o aerostato, e nós fugiremos esta mesma noite.

—Mas estamos promptos, visto que devemos partir esta noite, disse tranquillamente Mérande.

—Sim, mas Paulino vinha prevenir-vos para deixar isso para amanhã, quando eu felizmente o encontrei. Elle não hesitou, o valente. Cuida que no meio do tumulto, na confusão dos guardas da cidadella e do palacio, a evasão será facil.

—Idei descer á base da escarpa, e chegar com Ivan ao parque dos aerostatos.

—O' doutor! Ivan ainda está na casamata? perguntou Mérande, voltando-se para Van Korsteen, que, agachado junto do alçapão, acabava de trocar um momento antes algumas palavras com o colosso russo.

—Não, elle prendeu a escada de corda, e desce agora desenrolando-a para a segurar no fundo da escarpa, quando nós descermos.

—E Nadia, disse Bottermans, onde está ella?

—Nadia?...

Surprehendido por essa pergunta, Mérande ia responder ao mancebo que elle estava justamente á espera de Nadia e de Kanyadjé antes de deixar a cidadella, quando um clamor horroroso lhe suspendeu a palavra dos labios.

—São os lamas que atacam! exclamou Bottermans. Agora já vae ser muito tarde.

missão. Guardae silencio e não penseis senão em executar as minhas ordens.

—Herman, descei á casamata e, olhando pelo respiradouro para a escarpa, vede se a escada está completamente desenrolada.

—Vós, doutor, ide para o alçapão e transmitti-me a resposta de Herman.

Decorreram alguns segundos, depois Van Korsteen, erguendo-se a meio corpo, disse:

—Ivan ainda só está a meio caminho; a escada tinha-se emburalhado, teve de a desenrolar, e recomeça agora a sua descida.

—Está bem, aguardemos então e silencio.

Comquanto os prisioneiros estivessem então muito proximos uns dos outros, Mérande necessitava de falar mais que a meia voz para se fazer ouvir, tanto os gritos do ataque e o estrondo das detonações resoavam até no aposento em que elle estava encerrado.

A julgar sómente pelo estralar da fuzilaria, os fanaticos que se precipitavam ao assalto da cidadella não haviam surprehendido as sentinellas com tanta facilidade como esperavam, porque o ataque parecia ainda estar da parte de fora.

No momento em que Van Korsteen, transmitindo uma nova indicação de Herman, dizia: «Ivan chegou ao fundo da escarpa», retinim um som de passos precipitados no extenso corredor que dava serventia para os aposentos dos prisioneiros.

—Esperemos, disse Mérande, em tom breve. Doutor, fechae o alçapão! D'pressa... e puxae os tapetes para cima d'elle.

Apenas Van Korsteen acabava de executar essa ordem um official chinês entrou no lugar onde estavam os prisioneiros.

—Commandante, disse elle a Mérande, a cidadella está atacada por uma banda de furiosos, que querem apoderar-se das vossas pessoas para vos queimar vivos n'uma fogueira, que estão preparando n'este momento no meio da esplanada.

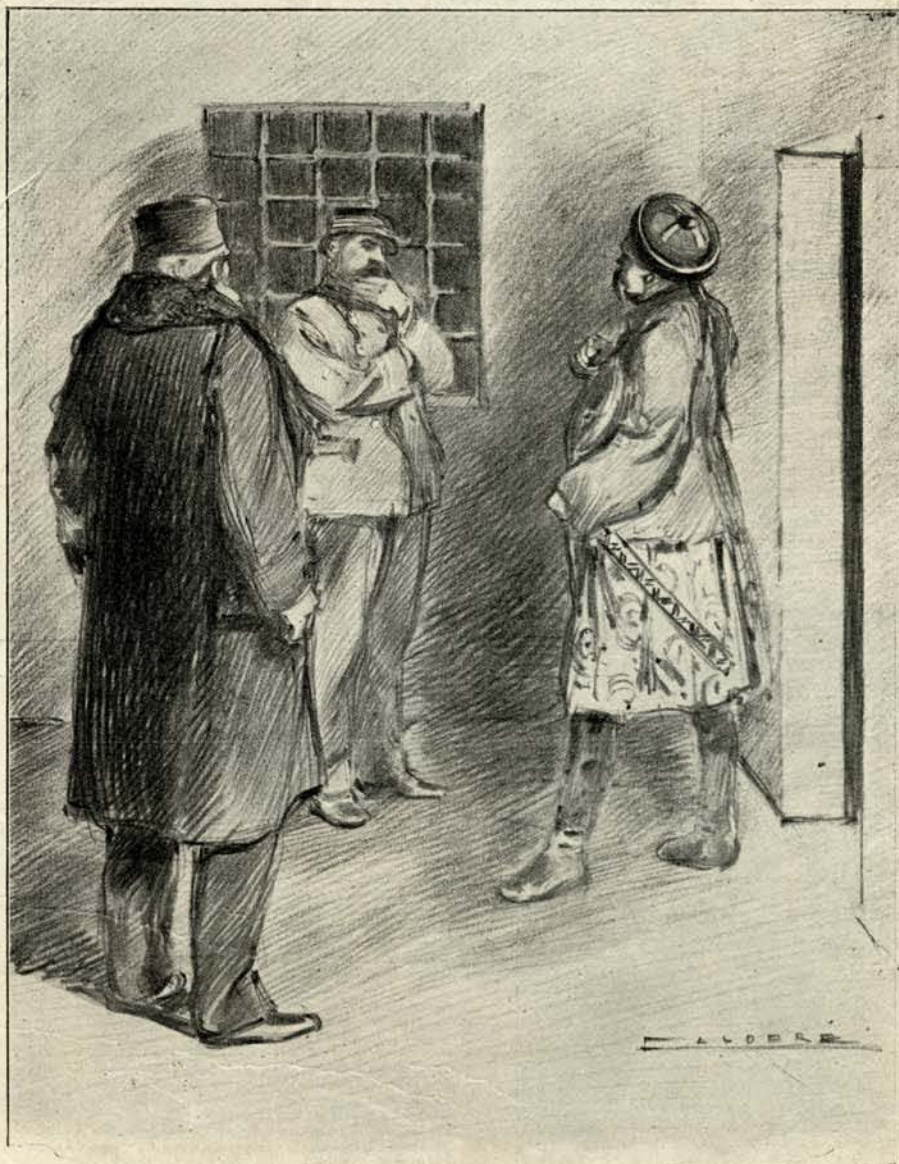
—Mas, durante a noite, fomos prevenidos do seu intento, e ao mesmo tempo que tomavamos as providencias necessarias para resistir a esse ataque, mandamos um correio a Timour para o informar d'esta rebellião.

—O Senhor estará de volta n'um instante, e esmagará esses fanaticos; mas, para ganhar tempo, foi-nos preciso renunciar á defeza do palacio.

—Antes de o desamparar, fizemo-lo evacuar pelas mulhières, e vemo-nos na necessidade de as collocar sob a salvaguarda da vossa honra de europeu, n'essas cellas, onde estarão em mais segurança do que na fachada do palacio, exposta á fuzilaria e aos assaltos directos dos insurgidos. Guardae-as; as vossas cabeças respondem pela sua vida e pelo respeito que lhes tributareis.

FOLHETIM N.º 26

(Continua.)

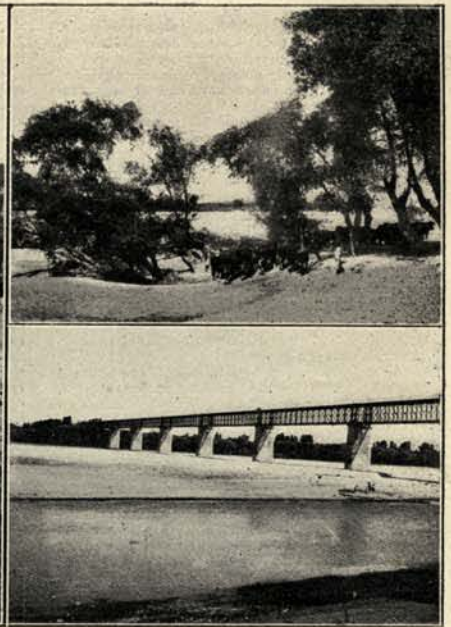


COMMANDANTE DISSE ELLE A MÉRANDE

XI

O ATAQUE DOS LAMAS

—Silencio, disse Mérande com gesto imperativo. Chegou o momento da acção. A nossa evasão pode bem ser a salvação da Europa. Retomo agora a direcção da



Fonte do Jogadouro em Rio Maior—Margem do Rio Tejo perto de rio Maior—Ponte sobre o Tejo em Santarem (Photos. do sr. Frederico Braga)

Chronica elegante

É fora de duvida que, no que diz respeito a theatros, a actual estação de inverno se apresenta sobremaneira attrahente e brilhante. Os espectaculos de S. Carlos tem chamado a attenção pelo seu completo exito musical; agora no D. Amelia uma peça de grande espectaculo chama a maior concorrência, pela man-eira excepcional como n'ella se exhibe a parte dramatica, musical, scenographica, choreographica, etc. Ha n'ella quadros verdadeiramente phantasticos que nos trazem á imaginação os maravilhosos contos de fadas que nos embalam em pequenos.

Nos quadros mais brilhantes e magestosos apparecem trajas deslumbrantes, tecidos de luz, recamados de pedrarias, de ouro, de flores. E desviando os olhos da scena para a sala parece continuar-se a visão de sonho e de encanto, no brilhantismo de *toilettes* das espectadoras. Os vestidos finos e claros, as guarnições requin-



Fig. 2

tadamente bellas, os decotes ou abertos ornados d'uma espuma de rendas, gazes, e tulles, os chapéus garridamente collocados sobre os penteados graciosos, as enfeites de plumas, *agrettes*, fitas e flores, as *écharpes* lavradas de prata e ouro, ou de vaporosas plumagens claras, tudo se combina para formar o conjunto mais deslumbrante e seductor.

Não só nos theatros, visitas e passeios se vê o mais esplendido luxo. A presente quadra de visitas exige da parte de quem recebe formosissimas *toilettes* de recepção nas quaes actualmente se pode desenvolver a mais caprichosa phantasia, e mais artistico luxo. A *toilette Empire* é uma das mais adoptadas n'estes casos, comtudo está já sendo bastante explorada, e as elegantes mais *raffines* vão escolhendo outros feitos igualmente lindissimos, alguns de estylo definido, outros mixtos de Watteau, de Romano, de Imperio, de tudo quanto vá lembrando, compondo um amalgame do mais deslumbrante effeito.

Mas estas excentricidades, que pôdem ser e são por vezes de fascinadora belleza, pôdem tambem tornar-se verdadeiros desastros quando o physico não se coaduna

ou não venha completar o encanto do vestuario. N'estas circumstancias é preferivel recorrer simplesmente aos feitos correntes já conhecidos e á moda.

O mesmo succede com alguns feitos de chapéus al-cunhados de exotics e pouco *segants*, porque muitas vezes não se harmonisam com as cabeças que os usam.

O unico segredo para vestir bem não é comprar cosas caras e á ultima moda, é saber escolher o que melhor se adapte á figura e á physionomia.

Fig. 1—*Toilette* de recepção em brocart lamé argent. Feito *Princesse* com prega *Watteau*. Penteados romano. *Santoi* de perolas. *Chemisette* em dentelle d'argent.

Fig. 2—Chapéu da casa *Viroi*, em feutre *héliotropé* com pennas de phantasia *bleu paon*. Blusa de setim branco com rendas; *pardessus* em drap *prune* com galões bordados a ouro, forro de setim branco.

Fig. 3—*Toilette* da casa *Paquin*, apresentada pela actriz *Jeanne Granier* na peça *Le bonheur, mesdames*. Vestido de tulie bordado. *Paletot* de panno *Vésure* com enfeites de rendas e velludo *blond*; chapéu claro forrado de velludo preto e camélias de velludo cor de rosa.



Fig. 1



Fig. 3